

FICHA TÉCNICA

[www.manuscrito.pt](http://www.manuscrito.pt)  
[facebook.com/manuscritoeditora](https://facebook.com/manuscritoeditora)

© 2016

Direitos reservados para Letras & Diálogos,  
uma empresa Editorial Presença,  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título original: Portugal Insólito

Autor: Joaquim Fernandes

Copyright © Joaquim Fernandes, 2016

Copyright © Letras & Diálogos, 2016

Capa: Sofia Ramos/Editorial Presença

Imagem de capa: Shutterstock

Paginação: Putt Design Studio

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8818-22-5

Depósito legal n.º 402 420/15

1.ª edição, Lisboa, Janeiro, 2016

# ÍNDICE



<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>I – ENIGMAS DE PEDRA</b>	<b>13</b>
1. Cultos e lendas imemoriais	14
2. O «alfabeto» esquecido da serra do Alvão	20
3. O culto da serpente e o símbolo da suástica	26
4. A estátua do Cavaleiro da ilha do Corvo	32
<b>II – MEDICINAS «MÁGICAS»</b>	<b>39</b>
1. A «Água de Inglaterra», panaceia universal	40
2. O duque de Saldanha, «guru» da homeopatia	48
3. As «pomadas secretas» do senhor Porciúncula	55
4. O «menino virtuoso» de Vendas Novas	63
5. O «menino santo» que curava o gado	71
6. As incríveis curandeiras chinesas	79
<b>III – EXPERIÊNCIAS SOBRENATURAIS</b>	<b>85</b>
1. Manuel de Arriaga «eleito» por D. Sebastião	86
2. Afonso Costa, o «médium» improvável	92
3. O pequeno «vidente» da Asseiceira	98
4. O autocarro «voador» conduzido por São Miguel	108
5. A assombrosa música da «procissão das almas»	113



<b>IV – CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES</b>	<b>121</b>
1. O carvalho milagroso de Leça do Balio	122
2. As árvores santas e miraculosas	130
3. Uma santa debaixo de terra	137
4. Um caso de «quebrar o fado»	142
5. A fonte milagrosa de Santiago	149
6. A bruxa da Arruda	156
<b>V – POSSESSÕES E MISTICISMOS</b>	<b>167</b>
1. Os pseudopadres «santos»	168
2. «Espíritos maus» à solta no Cadaval	174
3. O epilético porta-voz dos «espíritos»	180
4. A estigmatizada de Lamego	187
5. A estigmatizada de Vilar Chão	197
<b>VI – PRODÍGIOS CELESTES</b>	<b>207</b>
1. Portugal na sombra do eclipse do Sol de 1900	208
2. O cometa que anunciou a República	218
3. A fantástica dança do «Sol»	226
4. Uma «foice» no céu de Portugal	236
<b>VII – INVASÕES MARCIANAS</b>	<b>245</b>
1. Quando Marte incomodou a PIDE	246
2. Os marcianos desembarcam em Braga	257
3. Os gigantes que aterraram na Gardunha	265
<b>Fontes</b>	<b>277</b>



# INTRODUÇÃO

Sete capítulos. Sete. Veja o leitor a quanto obriga um país e um povo tão fértil de apetites e adesões ao maravilhoso, ao miraculoso e ao nunca visto. Um número mágico «7» tenta traduzir o modo de ser de uma comunidade, construída e maturada na argamassa dos milénios, bebendo sofregamente as fontes arcaicas de mundos e idades antigas que aqui deixaram o seu legado e a sua pegada cultural. Foram elas que irrigaram o solo lusitano, antes de ser português, com tradições, crenças e rituais veneráveis que a nossa memória coletiva conserva, a razão recusa e só o coração conhece.

São gestos e comportamentos que evocam o que de mais primitivo fermentou o nosso modo de ser português, os nossos sentimentos e sensibilidades na busca de outros «mundos» virtuais e mágicos, compensadores das debilidades e rotinas da nossa realidade finita. O sonho, o onírico, o impossível, compõem a matriz principal deste conjunto de episódios e estórias arrancados ao quotidiano normal, como que subitamente abalado por interferências dessas outras «dimensões» invisíveis.

Usamos como fonte principal deste compêndio a imprensa periódica dos séculos XIX e XX. Por esta recolha, deteta-se a importância e a cumplicidade da comunicação escrita na partilha e gestão social de crenças e superstições ancestrais, que parecem ressuscitar à medida que delas se fala e escreve, como relíquias que sobrevivem ao Tempo e se reabilitam com novo fôlego. No rastilho da notícia, os apaniguados ou convertidos de cada «estória» misteriosa dela comungam e participam, ajudando à sua sobrevivência ou apressando a sua morte, mas não escapando aos seus efeitos.

Filhas do imaginário criador, que dá sentido e razão de ser, estas sete maravilhas do Portugal primordial, do país crédulo, piedoso e sensível – a nossa matriz para o bem e para o mal.

I



# ENIGMAS DE PEDRA



# 1.

## CULTOS E LENDAS IMEMORIAIS

Abundam os testemunhos recolhidos por antropólogos, etnógrafos e historiadores que romperam sendas pelos montes mais agrestes e desvendaram sinais, práticas e crenças das comunidades locais em torno de pedras ancestrais, associando à terra um dos elementos centrais da matriz da natureza. Sobretudo desde o século XIX, foram vários os eruditos pioneiros – desde logo José Leite de Vasconcelos, Martins Sarmiento ou Teófilo Braga – que se empenharam em prospektar lugares de devoção e cultos lendários em torno de penedos e rochas, feitos monumentos de veneração pelas culturas humanas que nos precederam desde o Paleolítico.

Defrontamo-nos com um vasto espólio imaterial de narrativas e representações gráficas, assinalados por monumentos líticos, tais como dólmenes, cromeleques, menhires, pedras balouçantes, etc. Viabilizamos aqui tão só uma amostra destas memórias feitas de pedra, para elucidação do leitor menos informado e estímulo do mais avisado.

Desde logo, importa recordar que a supremacia progressiva do cristianismo sobre os cultos pagãos pré-existentes no território do futuro Portugal levou a que,

por longo tempo, se proibissem práticas relacionadas com cultos ligados a monumentos rochosos. Teófilo Braga, nome emblemático da cultura e da política, recorda o que se determinava nas Constituições do Bispado de Lamego, de 1563, quando prevenia os fiéis: «Defendemos e mandamos com que as procissões não vão a outeiros, nem penedos, mas somente à igreja...»

Estes interditos tendiam a cortar com um passado longínquo, desde os Semitas aos Gregos antigos, que situavam nos montes o templo das Musas, entre outras entidades divinizadas, entendendo-se a altitude como local apropriado ao do altar. Todas estas reminiscências do maravilhoso naturalista transparecem das práticas populares em torno das mamoadas, antas e similares existentes pelo país. José Leite de Vasconcelos compilou um vasto anedotário de exemplos, sombras de um passado que resistiu à legislação religiosa dominante.

Abundam as rochas em que o vulgo vislumbra o recorte de uma pegada de um santo ou santa – por exemplo, a de S. Gonçalo, no Penedo da Moira, em Felgueiras –, ou de um burro, no Penedo da Santa, no Paraíso, perto de Guimarães. Neste último caso, Martins Sarmiento e Leite de Vasconcelos, que visitaram o local em 1881, classificaram esta última pegada como uma «lasca natural e irregular». Mas, no imaginário popular, estas marcas ou incisões na rocha tanto podem ser atribuídas aos árabes no Penedo



dos Mouros, junto a Braga, como a Jesus, em Cabeceiras de Basto. Outras referências levam-nos às imediações de Lamego, à Fraga do Diabo, com impressões de pegadas de animais e humanos. Junto a Tabuaço, conhece-se um Penedo da Moura, onde se pretende ver esculpida uma chinela...

Estas alusões não são exclusivas da nossa cultura mais singela e atávica: desde tempos remotos que se registam superstições similares em distintas geografias: Heródoto fala das pegadas de Hércules na região dos Citas, tribo do leste do Irão, e por toda a Ásia abundam pedras com pegadas de Buda...

A mitologia mourisca é farta em rumores que passam de geração em geração: na obra *Fragments de Mitologia Popular Portuguesa*, Leite de Vasconcelos anota a existência, em Mondim da Beira, do Penedo Encavalado, em que, na noite de S. João, aparece uma moura sentada a pentear os cabelos de ouro ou a estender meadas também de ouro, tendo ao pé uma mesa posta com figos secos. Quem meter no bolso os figos fica rico, porque os frutos se transformam em ouro. Os montes e outeiros também têm o seu primitivo carácter sagrado convertido na superstição das «mouras encantadas»: em São Pedro do Sul, diz-se que as mouras andam encantadas pelos outeiros, e que quem deitar um pingo de leite numa laje pode alcançar um tesouro.

É também comum, noutras tradições europeias, que monumentos pré-históricos, como os dólmenes, sejam habitados pelos «mouros». Na Baixa-Bretanha, por exemplo, são habitados pelos anões. Leite de Vasconcelos acha provável que as mouras dos montes e dos penedos sejam de natureza diferente das que são normalmente associadas às fontes. A tradição garante que as mouras acarretavam pedras à cabeça para obras, como as do convento da Vila da Feira e da Torre de Leça do Balio. E a preciosa «Pedra Formosa» da Citânia de Briteiros teria sido levada à cabeça por uma moura desde o alto de São Romão até Santo Estêvão, enquanto fiava na roca...



Fig. 1 – A Pedra Formosa II, do complexo balnear da Citânia de Briteiros, jaz envolta em lendas (in Mário Cardozo, op. cit.).

Uma outra faceta das pedras e dos rochedos é a sua íntima ligação aos cultos de fertilidade e às superstições femininas da maternidade.

Teófilo Braga lembra-nos a relação da montanha com a pedra, no culto fálico que se ostenta na serra de São Domingos, junto a Lamego. Aí, num certo penedo comprido iam deitar-se as mulheres estéreis para se tornarem fecundas. Para saberem se terão filho ou filha, as mulheres atiraram três pedras pela fresta da igreja de São Miguel do Castelo, em Guimarães; se acertam é rapaz, se não, é rapariga.

Segundo o padre António Carvalho da Costa, na sua *Corografia portuguesa*, na freguesia de Requião, concelho de Vila Nova de Famalicão, há um penedo, chamado *Pedra leital*, com umas «maminhas» aonde as mulheres iam mamar para terem o leite que lhes faltava. Nesse ritual, as mulheres dão três voltas ao penedo que, significativamente, se situa junto à capela de São João da Pedra Leital.

Leite de Vasconcelos propõe um certo paralelismo entre a religião dos Lusitanos e as religiões dos nórdicos quando cita o mito dos «gigantes gelados», nas montanhas do norte europeu. Segundo o arqueólogo, podemos encontrar um equivalente da mesma tradição na lenda dos «santões gelados» que viveriam em cavernas, na serra da Estrela, e de que há notícia na *Academia dos Humildes e Ignorantes*. A estes relatos lendários acrescem autênticos

caprichos da natureza, como a reconhecida Cabeça da Velha, enorme penedo que se situa junto de um local de culto cristianizado, a Senhora do Desterro. O mesmo sucede com a Pedra do Urso, que poderia ter sido objeto do culto lítico reinante em boa parte da Europa, ainda durante a Idade do Ferro e partilhado entre Lusitanos e Celtiberos.

Na imensidade granítica da montanha respira-se a magia que percorre a complexa teia das «pedras bulideiras», passando pelas grutas e cavernas povoadas por crenças e encantamentos, das Beiras a Trás-os-Montes, interior bravo e solitário. A etnografia e a arqueologia inventariaram mais de uma dezena destas pedras só no distrito de Bragança. Sinónimas de pedras bulideiras, temos designações tais como a Falperra (falsa pedra), Peravana (pedra que abana), Perramedo (pedra que faz medo), Pedra da Mó, Perafita (pedra fincada), etc. Um olhar atento pela paisagem ajudará o viajante a tornar-se, ele próprio, um explorador do nosso património mais incógnito e misterioso...

## 2.

# O «ALFABETO» ESQUECIDO DA SERRA DO ALVÃO

Persiste a ideia, mais ou menos institucionalizada, de que o alfabeto atual resulta de uma herança legada pelos Fenícios, Sumérios e povos indo-europeus, ou seja, de matriz mediterrânica e oriental.

Esta tese foi abalada quando dois homens, por sinal ambos sacerdotes em gozo de férias natalícias no ano de 1894, se meteram a explorar os recônditos rochosos da bravia serra do Alvão, em terras de Vila Pouca de Aguiar. Observando com minúcia rochedo a rochedo, os padres José Isidro Brenha e Rafael José Rodrigues registaram então nessa histórica digressão um significativo inventário de «pedras gravadas», parte delas com inscrições similares a um alfabeto desconhecido e aparentadas aos alfabetos ibérico e etrusco. Essas incisões na rocha assemelhavam-se em muito a traços encontrados posteriormente noutras estações arqueológicas como Glozel, em França, onde entre 1924 e 1930 foram encontrados objetos com reminiscências de diferentes alfabetos, do fenício ao caldeu, basco e hebreu, entre outros.

Por obra e graça, sobretudo, da curiosidade inquieta do padre José Brenha, a arqueologia portuguesa viu-se

confrontada, no início do século xx, com uma questão inesperada e conseqüente controvérsia: seriam as incisões nas rochas do Alvão um primeiro esboço de comunicação escrita, anterior aos códigos gráficos herdados dos Fenícios que precederam o nosso alfabeto atual?

Poderia aceitar-se uma língua-mãe que não fosse fenícia na sua origem, deixando antever «um mundo muito mais antigo onde reinava um sistema de escrita rudimentar e complicada», como sugeriu Ricardo Severo em 1903, no seu comentário ao texto do padre Brenha?

José Brenha, um dos exploradores, filho de um negociante da Galiza, era descrito como um homem simples, modesto, com propensão natural para ciências naturais. Arqueólogo apaixonado, empenhou-se em analisar e descrever a surpreendente descoberta feita nas serranias transmontanas do Alvão na revista *Portugália*, em cujas páginas fez uma descrição minuciosa dos dólmenes e das respectivas «pedras com sinais gráficos ou inscrições».

Em sete dessas rochas, o padre Brenha enumera não apenas distintas formas de «cavinhas» e traços com linhas quebradas em três grupos, mas também outras com diferentes signos, uma delas com treze caracteres dispostos em linhas horizontais, e ainda uma outra com o símbolo do Sol numa das faces e na outra uma «perfeita inscrição composta de 18 caracteres dispostos em cinco linhas horizontais.»



Fig. 2 - Pedras com sinais gráficos recolhidas pelo padre José Brenha na serra do Alvão (in José Brenha, op. cit.).

Para o sacerdote-arqueólogo poveiro, o «aparecimento da escrita já na idade neolítica, numa estação característica daquela época não deve causar grande estranheza», aceitando as teses de Estácio da Veiga, de 1891, acerca da existência de um sistema de comunicação gráfica em território peninsular. E, por isso, o explorador do Alvão ousa concluir que os Fenícios, «frequentando as costas ibéricas e tomando conhecimento dos sinais gráficos aqui usados, começaram a empregar os que lhe pareciam mais cómodos para os seus registos, negócios e correspondência».

No mesmo número da revista *Portugália*, que se tornaria histórico neste contexto, Ricardo Severo, diretor da publicação, chamava a atenção para alguns símbolos

gravados nas pedras do Alvão, alusivos ao culto do Sol, e que se identificavam com signos universais do cosmos e da sua criação apresentados pelas civilizações mediterrânicas: cruces, círculos, espirais, estrelas de raios direitos e curvos, entre outros. Sobrevivências longínquas «irmanadas ao culto do fogo que se mostra nas crónicas do folclore, como nas rodas flamejantes das festas do S. João, exprimindo o primitivo sentido do movimento circular perpétuo e simbolizando o Sol, fonte de luz e de vida».

De facto, uma análise superficial deste extraordinário espólio só poderia provocar naturais dúvidas e perplexidades entre a comunidade científica nacional e estrangeira: a existência em Portugal de um alfabeto desconhecido, muito similar ao alfabeto fenício, arriscava-se a anunciar que a origem remota da nossa presente escrita seria o extremo ocidental da Península Ibérica, e não o Oriente.

As plaquetas de Alvão apresentavam igualmente figuras de animais – felinos, paquidermes, ursos e símios –, além de figuras indecifráveis, mas com provável significado religioso, sob a forma de ídolos ou feitiços, depositados junto dos mortos para sua proteção. Ricardo Severo lembra que «os cultos dos animais faziam parte da essência dos cultos do animismo e feiticismo universais». As suas representações esculpidas nos dólmenes de Alvão inserem-se nas tendências universalistas da veneração de deuses-totens de pedra.



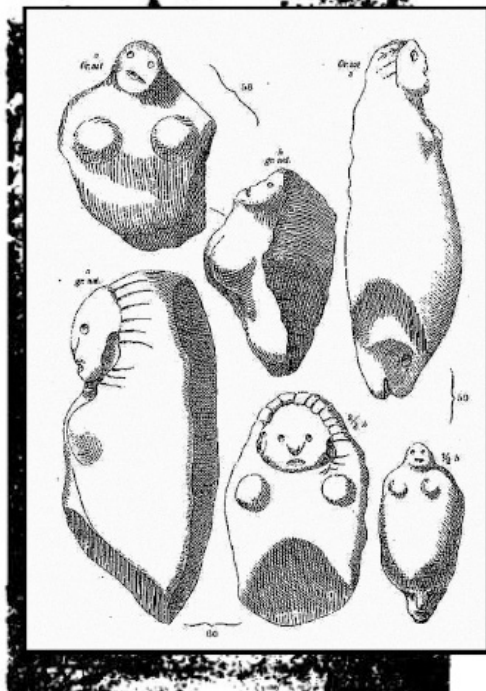


Fig. 3 – Gravuras de ídolos femininos nos dólmenes do Alvão (in José Brenha, op. cit.).

Por sua vez, José Teixeira Rego destaca o facto de o homem neolítico ocidental deter já um sistema de comunicação, um alfabeto, caso único em comunidades e culturas humanas contemporâneas de Alvão e cuja idade remontaria, no mínimo, a 4000 anos a. C.

Assim se foi reforçando, dentro e fora do país, um tópico essencial que diz respeito à génese do primeiro meio de comunicação entre as comunidades humanas – a escrita. Provavelmente, pela tradicional incúria nacional – fatalidade que ordinariamente nos tem acompanhado em muitos outros

exemplos que tocam o nosso património imemorial –, ter-se-á perdido para sempre uma séria possibilidade de validar cientificamente a real importância das «pedras gravadas» da serra do Alvão no contexto planetário.

O que significa isto para o leitor e cidadão comum, não iniciado nos meandros da epigrafia? Escoados mais de 120 anos após a descoberta do primitivo alfabeto, o que se conhece do paradeiro das suas gravuras e inscrições é uma dispersão caótica e sem sentido. Segundo informação da arqueóloga Mila Simões de Abreu, em janeiro de 2013: «Algumas das pedras estão patentes no Museu de Vila Real (e não no de Geologia da UTAD), outras pertencem ao espólio do Museu Nacional de Arqueologia e, possivelmente, algumas delas algures no Museu de Antropologia do Porto. As restantes pertencerão a coleções privadas espalhadas pela Europa...»

Ou seja, esta leviandade cultural, nada abonatória para o nosso país, permitiu destroçar esta preciosa coleção arqueológica, singularíssima memória de uma etapa marcante da evolução e civilização humanas em termos planetários.